



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

CAMILA LEILA SANTOS FIUZA

CALENCIAIS

Salvador

2019.1

CAMILA LEILA SANTOS FIUZA

CALENCIAIS

Memorial descritivo do documentário “Calenciais”, apresentado como requisito final para a conclusão do curso de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. José Francisco Serafim

Salvador

2019.1

TERMO DE APROVAÇÃO

CAMILA LEILA SANTOS FIUZA

CALENCIAIS

Memória descritiva do documentário *Calenciais*, apresentado como requisito final para a conclusão do curso de graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 26 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Francisco Serafim - Orientador

Doutor em Cinema Documentário pela Universidade Paris X - Nanterre (2000).

Prof.^a Dra^a Sandra Straccialano Coelho

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Póscom / Ufba).

Prof. Dr^o Maurício Nogueira Tavares

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000).

AGRADECIMENTOS

Não poderia começar esse texto sem citar o professor José Francisco Serafim. Esse trabalho é fruto do que aprendi em suas aulas. Agradeço por ter acreditado em mim desde o início e não me deixar esmorecer nesse projeto, que só está no início.

Sou grata aos colegas e professores da Faculdade de Comunicação, pelo convívio e aprendizado durante esses longos anos de estudo. Quero ressaltar o querido professor Maurício Tavares, que sempre me acolheu desde os meus primeiros passos na Facom.

Agradeço a minha avó Edna, por sempre me acolher com ternura em todos os momentos da minha vida e ter despertado em mim o prazer pela leitura. Ganhei dela o meu primeiro livro: O Patinho Feio, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen. Além desse, gibis da Turma da Mônica, do Tio Patinhas e da Luluzinha fizeram com que eu não largasse mais os textos desde que aprendi a ler, aos seis anos.

À minha mãe Rute, por me ensinar a ser forte e a enfrentar as adversidades da vida, de cabeça erguida. Por ser a culpada da minha criatividade, desde cedo. Lembro de quando ela fazia com que eu e minhas irmãs, ainda pequenas, escutássemos música no escuro, com todas as luzes apagadas, ou de olhos fechados. Eu não entendia o porquê daquilo, mas acho que talvez seja por isso que hoje presto bastante atenção à sonoridade das canções.

Ao meu namorado Wagner, pela compreensão, por seu companheirismo diário e parceria. Agradeço a ele por ter me ajudado a executar este trabalho. Sem ele eu não teria conseguido.

Sou grata também por ter contado com o apoio das minhas irmãs Beatriz, Carolina e Priscila. Se aprovada, me formo jornalista buscando o bem para a gente e a nossa família.

À professora Sandra Coelho, pelas indicações de filmes durante as reuniões do Nanook, e aos colegas do grupo de pesquisa, especialmente para Vilma, Gisélia, Raquel, Morgana e Inajara, pela troca de conhecimento e constante aprendizado. Elas são demais.

Aos facomigos: Thamires, Caique, Diogo, Ailma, Marília, Mari Sales, Trindade, Rubeiz, Vinicius. Quase todos já formados. Impossível esquecer a melhor turma que passou pela Facom.

Aos ciganos de Camaçari e do mundo inteiro, pela beleza e encanto de sua cultura e tradição. Que o sonho materializado nesse documentário ajude a acabar com o preconceito e o racismo contra os ciganos. Que essa e qualquer outra etnia seja respeitada.

À Arla Coqueiro e todos os colegas da Rádio Band News FM pelo convívio diário e compreensão durante o período de construção desse projeto.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão dessa etapa da minha vida.

*Por que se chamava homem
Também se chamava sonhos
E sonhos não envelhecem.*

*Dedico este trabalho e a minha futura profissão ao
meu irmão Davi Fiuza (in memorian).*

RESUMO

Este memorial descreve o processo de produção e criação de *Calenciais*, documentário realizado como produto para conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal da Bahia. Por meio de uma abordagem informal, o curta-metragem mostra crianças e adultos de comunidades ciganas de Camaçari, município localizado a 50 quilômetros da capital baiana. Além disso, uma entrevista sobre a etnia com o primeiro cigano baiano a obter um diploma de nível superior. Este memorial pretende expor, também, a fundamentação teórica que serve como referência para a realização de *Calenciais*.

Palavras chaves: Documentário; ciganos; Camaçari, identidade; cultura; tradição.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	9
2. INTRODUÇÃO.....	10
3. ASPECTOS TEÓRICOS.....	14
3.1 O DOCUMENTÁRIO.....	14
3.2 ROM, SINTI E CALON: OS CIGANOS NO BRASIL.....	18
4. DESENVOLVIMENTO DO DOCUMENTÁRIO.....	21
4.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	21
4.2 PRODUÇÃO.....	22
4.2.1 ATORES SOCIAIS.....	22
4.2.2	
GRAVAÇÕES.....	27
4.2.3 FRAMES DE CALENCIAIS.....	28
4.3 PÓS PRODUÇÃO.....	30
4.3.1 ROTEIRO E EDIÇÃO.....	30
5. INVESTIMENTO	
.....	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
8. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS.....	36

1. APRESENTAÇÃO

Este memorial mostra as ideias que tive durante a construção do curta-metragem *Calenciais* e todo o processo de execução da obra.

Na introdução, abordarei, de forma geral, o filme e o seu tema principal, os ciganos. A história da etnia, além de algumas lendas populares criadas acerca dos ciganos, são mostradas neste documento com o objetivo de trazer uma reflexão sobre o racismo contra a etnia e a importância do documentário em questão.

Pouco se sabe sobre dos ciganos, mas muitas histórias e (pré)conceitos rondam a etnia, até hoje. Apesar disso, o filme não pretende problematizar ou trazer discussões, muito menos reforçar estereótipos. Por acreditar que toda cultura deve ser respeitada, pretendo mostrar a cigana como ela é por meio de cenas e entrevistas com os próprios integrantes da etnia.

Na primeira parte do memorial, pretendo mostrar os aspectos teóricos que me ajudaram a tecer o filme. Essa importante fase me levou a identificar o gênero cinematográfico, o qual eu trabalhei: o documentário.

Na segunda parte deste documento, relatarei o processo de escolhas e construção narrativa do filme. Este memorial, narrado em primeira pessoa, traz, ainda, a história de busca pelas personagens, da minha relação com cada uma delas, das escolhas e das locações.

Por fim, trarei um panorama do processo de edição e montagem, cuja etapa foi responsável pela construção do sentido de *Calenciais*.

2. INTRODUÇÃO

*O cigano Roupalimpa passando
montado numa mula rosilla,
as em álaque vermelho
raparigas buena-dicheiras.
Loucos, a ponto de
quererem juntas a liberdade
e a felicidade. (Guimarães
Rosa)¹*

Calenciais é um documentário experimental que aborda a cultura cigana desde a perspectiva da criança, sobretudo das meninas, responsáveis pela continuidade da tradição, até a visão dos ciganos adultos.

Inicialmente, o meu Trabalho de Conclusão de Curso seria um documentário radiofônico, mas após assistir às aulas da disciplina Teorias e Práticas do Documentário, ministrada pelo professor José Francisco Serafim, decidi que poderia aprender e fazer um trabalho audiovisual que pudesse mostrar as cores que o áudio talvez não me deixaria mostrar.

Apesar da minha falta de experiência com o audiovisual, acreditava que todos deveriam ter o privilégio de conhecer e se encantar com o mundo colorido, o qual me propus a filmar. Os vestidos das ciganas, o brilho nos olhares das crianças e a luta e persistência dos homens. Mostro um pouco de cada uma dessas características durante o curta-metragem de 27 minutos. Aliás, 27 é o meu número da sorte. Após exportar o filme, prestei atenção nesse detalhe.

O tema foi escolhido há muitos anos, desde quando eu tinha 7 anos de idade e assisti a uma novela sobre os ciganos, ao lado da minha mãe. Sempre quis fazer um trabalho sobre a cultura cigana, por ela ser tão importante para a riqueza da diversidade cultural no mundo inteiro e, ainda assim, ser vítima de lendas e estigmas, em pleno século XXI.

¹ O trecho faz parte do livro “Tutaméia: Terceiras estórias”. 9ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Observo isso, especialmente, em histórias populares e, pasmem, manchetes de jornais policiaiscos, sejam no formato impresso, radiofônico ou televisivo.

Os ciganos despertam curiosidade por onde passam, seja por causa das vestimentas das mulheres, do dialeto próprio e das lendas acerca da sua história não-contada na escola. Por serem de uma cultura oral, passada de geração em geração, são poucos os registros escritos sobre os ciganos no mundo.

O desconhecimento cria na sociedade diversos mitos. Atualmente, estamos iniciando uma situação política grave no país exatamente por causa dessa frase que acabei de citar. E acerca dos ciganos, não é diferente. Muitas lendas são provenientes da invisibilidade e do desconhecimento acerca da etnia no mundo.

Uma delas surgiu na Península Ibérica, durante a Reconquista Cristã, em 1492, e diz que o ferreiro que fez os pregos que prenderam Jesus na cruz era cigano e que, por causa disso, a etnia dele teria sido amaldiçoada a ser nômade. Outra lenda cristã aponta os ciganos como descendentes de Caim, o mau irmão que matou o bondoso Abel.

Durante o nazismo, além dos judeus, estima-se que foram mortos cinco milhões de comunistas, gays, portadores de doença mental ou física, anarquistas, poloneses, testemunhas de jeová e ciganos. Com o fim do nazismo e da Segunda Guerra Mundial, a maioria dos povos perseguidos conquistaram políticas públicas. Leis contra o racismo e preconceito foram criadas.

No entanto, a perseguição contra os ciganos ainda existe no século XXI. Em 2010, o então presidente da França, Nicolas Sarkozy iniciou uma cruzada contra os ciganos que viviam no país.

Em março deste ano, ciganos sofreram tentativas de linchamento em Paris após a propagação de rumores em redes sociais digitais. De acordo com a notícia veiculada no site G1 no dia 27 do mesmo mês, “a divulgação nas

redes sociais de rumores sobre crianças que teriam sido capturadas por ciganos na periferia de Paris desencadeou uma onda de agressões nos últimos dias na França. A polícia informou que nenhum rapto foi registrado”.

Ainda segundo a reportagem, “cerca de 50 pessoas, armadas com facas e pedaços de madeira, agrediram um grupo de ciganos que acampava na beira da estrada. Alguns agressores chegaram a lançar bombas nos acampamentos.”

A maioria das novelas, filmes e seriados no mundo inteiro retratam os ciganos de forma romantizada e estereotipada. O homem é mostrado como uma figura sensual e violenta. As mulheres, por sua vez, são videntes e quiromantes.

Os exemplos podem ser vistos nas seguintes novelas: a brasileira *Explode Coração*, de Glória Perez, exibida na TV Globo em 1995, e a venezuelana *Kassandra*, de Adélia Fialho, de 1992, exibida aqui no Brasil, no início dos anos 2000, no canal SBT, na primeira sessão da extinta Tarde de Amor, às 16h.

O jornalismo também reforça os estigmas que o povo cigano vem sofrendo ao longo dos séculos propagando notícias em que crimes relacionados a integrantes do grupo, a palavra CIGANO é destacada. Um exemplo é a reportagem veiculada no portal G1, no dia 16 de agosto de 2016, que traz o título “Ciganos são presos na Bahia; polícia apura relação com morte de gêmeos”.

Ora, se o termo ciganos das manchetes policiais dos jornais locais fosse substituído por negros, índios, brancos, pardos, árabes, judeus ou qualquer outra etnia, logo a mídia seria acusada de racista.

Pretendo mostrar no documentário independente (feito com recursos próprios e sem apoio de produtora) *Calenciais*, assinalado neste memorial, aspectos da etnia cigana, subdividida em três: calón, rom e sinti, com um recorte sobre os calóns de Camaçari, na região metropolitana de Salvador.

Durante a execução e montagem do filme, preocupei-me em afastar das filmagens tudo o que tivesse características de estereotipação e caricatura, já bastam as abordagens populares que vemos mídia afora.

O filme começa e termina ambientando o telespectador, na cidade de Camaçari, mostrando a chegada e a saída da cidade. O título é escrito na cor verde, trazendo uma referência à cor predominante do filme na fotografia e, claro, à bandeira cigana, instituída em 1971, pela internacional Gypsy Committe Organized, no primeiro Congresso Mundial Cigano, ocorrido em Londres.

A bandeira é constituída pelas cores verde (significa a natureza, o solo, onde trilhamos nossos caminhos), azul (representa o céu e a liberdade) e vermelho (o movimento e os ciclos da vida e a roda de uma carruagem).

Por muitas vezes, as imagens em movimento de *Calenciais* confunde-se com o espírito cigano, colorido, inquieto, sempre em movimento. Essa característica do curta foi pensada antes da concepção e durante a montagem.

O filme começa com a minha chegada na comunidade, sendo levada pelas crianças ciganas, até suas casas. Mostro, no filme, a casa da ciganinha Ayala, pois são as meninas que levam a tradição adiante, e são elas quem nos levam, primeiramente, a conhecer os encantos de sua etnia.

É por meio dos vestidos das mulheres ciganas que percebemos a presença da etnia em um ambiente. Por isso, busquei mostrar, de início, os vestidos das crianças e sua relação com eles.

Além de mostrar a história dos ciganos no documentário, e ter o objetivo de tentar quebrar preconceitos, trazendo o exemplo do primeiro cigano a obter um diploma de nível superior, *Calenciais* traz um pouco do meu olhar sobre a cultura e a tradição, especialmente como os ciganos vêm a cada dia conquistando mais espaço na sociedade.

3. ASPECTOS TEÓRICOS

3.1 O DOCUMENTÁRIO

O documentário é uma produção audiovisual com o objetivo de documentar determinado tema, assunto, período e/ou personagem. Segundo Bill Nichols, em *Introdução ao Documentário*, cada documentário tem voz e formato distintos.

No vídeo e no filme documentário, podemos identificar seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. (NICHOLS, Bill. 2012. pág. 135)

Cada modo apresenta uma forma. No documentário, esses modos podem se misturar, no entanto, geralmente, um deles predomina. Apareço no filme em diversos momentos, reforçando o modo participativo do gênero documentário, mas há características do modo poético, a exemplo dos *raccords* nas transições de uma cena para outra, a exemplo da água da chuva, subjetiva.

De acordo com Bill Nichols, “quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente, e não por alguém que observa discretamente”.

O modo participativo está presente na maior parte dos documentários de um dos principais cineastas brasileiros, Eduardo Coutinho, falecido em 2014, e mostra uma relação de proximidade do cineasta e seus personagens sociais. Um exemplo é *Cabra Marcado Para Morrer*, de 1984. É inesquecível a cena do reencontro de Coutinho com a camponesa Elizabeth Teixeira, 20 anos após a interrupção das gravações do filme, por militares, em 1964.

Na construção do filme *Calenciais* também são utilizadas referências bibliográficas a exemplo do livro *Introdução ao Documentário*, de Bill Nichols, além de textos e aulas expositivas da matéria *Teorias e Práticas do Documentário*, no semestre 2018.1.

Para além dos livros, estamos falando sobre um produto audiovisual. E o que seria fazer um documentário sem referências filmográficas? Alguns formatos de filmes deram régua e compasso para a construção da narrativa de *Calenciais*.

Antes da disciplina citada, nunca havia tido experiências com o audiovisual. A admiração pela sétima arte, especialmente o gênero documentário, aumentou durante a exibição de *Nanook of the north* (1922), do cineasta norte-americano Robert Flaherty.

O filme revolucionou o cinema mundial ao desafiar os conceitos de ficção e realidade. É o primeiro documentário antropológico em longa metragem da história do cinema e um dos mais importantes de todos os tempos.

A obra, filmada durante uma expedição que durou um ano e quatro meses no pólo norte, mostra a história de Nanook e sua família. Eles viviam perto da Baía de Hudson, no Canadá.

Durante uma hora e quarenta e oito minutos somos encantados pela resistência daqueles que lutam contra as intempéries da natureza, longe da civilização. As atividades da família giram em torno de uma única questão: ter o que comer.

Nanook of the north foi rejeitado por quatro distribuidoras, mas após o grande sucesso em Paris e Berlim, estreou em 1922 em Nova York. A curiosidade do público aumentou quando a natureza venceu Nanook. Ele morreu de fome meses após o término das filmagens. Um fato interessante diz respeito à roteirização e edição do filme. Foi o próprio Flaherty quem editou o documentário.

O cinema nasceu documental, com uma certa manipulação, em 1895, com *Sortie d'Usine*, dos irmãos Louis e Auguste Lumière. Com uma duração de 45 segundos, o filme foi produzido e distribuído em 1895, na França.

As imagens mostram operários saindo da fábrica do pai dos irmãos, Antoine Lumière, em um único *take*, desde a abertura até o fechamento do portão da fábrica. Era o primeiro plano sequência da história do cinema. Era a realidade representada por um equipamento: o cinematógrafo.

Nem sempre, ou talvez nunca, os operários saíam de uma fábrica em menos de 60 segundos. Mas os irmãos só tinham um plano e take com aquela duração para criar um filme com início, meio e fim. Criou-se, assim, o que chamados de roteiro e planejamento prévio.

Para Sérgio Puccini, em *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção* (2012), a receita de um bom roteiro está na construção do roteiro.

A invenção de uma forma de escrita dramática, o roteiro de cinema, é consequência da consolidação da atividade cinematográfica como uma atividade industrial, ocorrida nas primeiras décadas do século que passou (PUCCINI, 2012, p.13)

Em *Nanook of the north*, também é possível perceber a presença do roteiro feito por Flaherty e a forma como são mostrados os personagens, na cena em que a família sai do caiaque.

Diferente dos filmes de ficção, o roteiro no documentário pode ser alterado de acordo com os acontecimentos não previstos durante as filmagens. O primeiro roteiro de *Calenciais* foi totalmente modificado durante as gravações e, principalmente, por causa de eventos como a greve dos professores das universidades estaduais da Bahia.

Entre os filmes que vi sobre os ciganos, um chamou a minha atenção, por retratar com habilidade e delicadeza boa parte das tradições e lendas acerca dos ciganos. Estou falando de *Rio Cigano*, primeiro longa-metragem da cineasta Júlia Zakia (2013).

Assisti ao filme após a indicação da professora Dra^a Sandra Coelho, durante um dos encontros do Grupo de Pesquisa Nanook e fiquei encantada pela proposta da autora e com a forma a qual o filme foi abordado e conduzido.

De forma metafórica, o longa-metragem de ficção começa mostrando a saga do povo cigano. No plano, uma estrada de barro. Sutilmente, adentrando o plano, distribuídos em carroças, crianças, mulheres, idosos e homens ciganos.

O filme é ambientado no sertão de Alagoas (é também filmado em outros estados e países) e conta a história de um grupo de ciganos que é expulso da fazenda de um conde. O trecho nos remete ao nomadismo e como surge a lenda de que os ciganos não ficam em um só lugar.

O plano aberto mostrando os caminhos percorridos pelos retirantes no início do filme traz um ar de documentário ao trabalho de Zakia. Os planos médios e o ar de fantasia diz sobre o misterioso povo que encanta e ao mesmo tempo sofre com os estigmas e preconceitos.

As cenas da comunidade, especialmente das duas crianças Kaia e Reka trazem uma característica importante visualizada durante as filmagens do documentário *Calenciais*: a união e a amizade.

Como exemplo para os procedimentos de filmagens e da utilização da entrevista como elemento central na construção do discurso de *Calenciais* me inspirei nas obras do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho.

O diretor mistura elementos dos cinemas direto e verdade em sua obra, no modo participativo, mostrando a relação dele com os personagens, pessoas simples e desconhecidas que ganham destaques em seus documentários.

Coutinho não trabalhava com roteiros. Ele dispunha de dispositivos, constituídos pela equipe que ia ao local antes dele e conversava com os personagens.

No caso de *Calenciais*, foi criado um esboço de roteiro, mas o documentário tomou forma a partir das entrevistas e convivência com os ciganos de Camaçari, e durante o processo de montagem.

Além do gênero, as leituras e as referências filmográficas me conduziram a uma forma de fazer filmes o Cinema Verdade, lançado por Jean Rouch e Edgar Morin, no longa *Crônica de Um Verão*, de 1961.

O Cinema Verdade é diferente do Cinema Direto, em que o diretor é um espectador e pouco interfere na realidade. Ou seja, independente de estarmos ali, o que é mostrado no filme acontece.

Já no Cinema Verdade, denominado pelo cineasta e jornalista soviético Dziga Vertov, acontece uma interação, que, talvez, não existiria caso a câmera não estivesse presente.

As entrevistas e a cena em que os personagens sociais assistem ao filme é inspirado na característica do *Cinema Verité* ao final do filme de Rouch e Morin.

3.2 QUEM SÃO OS CIGANOS

3.2.1 ROM, SINTI E CALON: OS CIGANOS NO BRASIL

De acordo com os dados do último censo do IBGE, há no Brasil cerca de oitocentos mil ciganos. O Brasil está em segundo lugar em número de ciganos no mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, onde vivem um milhão de ciganos. Em terceiro lugar vem a Espanha, com uma população de 650 mil pessoas dessa etnia.

De acordo com o site embaixadacigana.org o Nordeste aparece em primeiro lugar no número de acampamentos de ciganos no país. São 97

acampamentos espalhados em 1.794 municípios. Em segundo lugar, o Sudeste concentra 96 acampamentos em 1668 cidades.

A região Sul aparece em terceiro lugar, com 54 acampamentos instalados em 118 municípios. O centro-oeste do país tem 39 acampamentos, em 466 cidades. E, por último, a região Norte que concentra apenas 4 acampamentos em 449 municípios.

O Brasil já teve um presidente de origem cigana, Juscelino Kubitschek, que governou o país entre 1956 a 1961. Outro cigano famoso que vive no país é o cantor Benito di Paula.

Em 2006, foi decretado o Dia Nacional do Cigano, comemorado em 24 de maio, mas o primeiro cigano chegou no Brasil em 1574. João Torres veio em sistema de degredo. Portugal enviou o cigano ao Brasil para ele cumprir pena. Mas não há registro informando se ele chegou, efetivamente, no país.

Na mesma época, chegaram outros grupos ciganos, que desembarcaram no Porto de Salvador. Alguns se espalharam pelos bairros da Mouraria e Santo Antônio Além do Carmo, como explica o professor Jucelmo Dantas, durante o filme.

De acordo com a historiadora Cassi Coutinho, na tese *Os Ciganos nos Registros Policiais Mineiros (1907 - 1920)*, os ciganos são grupos heterogêneos.

Entre os aspectos que os distiguem, podemos apontar diferenças nos dialetos, na religião, na profissão, no modo de vida (nômade, seminomade ou sedentário), além de diferenças em alguns costumes e valores culturais.
(COUTINHO, Cassi. 2016. Pág. 32.)

São três as etnias ciganas do mundo: rom, sinti e calon. O romani é falado pelo povo rom, enquanto o sintó é a língua dos sinte e o calom é o

código verbal dominado pelos calóns, como explica o cigano e professor Jucelho Dantas durante o filme *Calenciais*.

A cidade de Camaçari fica na região metropolitana de Salvador, a quarenta e um quilômetros da capital baiana. É a quarta cidade mais populosa da Bahia e segunda da região metropolitana de São Salvador.

Vivem em Camaçari, atualmente, cerca de quatrocentas famílias ciganas, de acordo com o representante Gilson Dantas. São ruas e comunidades repletas de mulheres, idosos, homens e crianças. Todos pertencentes à etnia calón, predominante no Nordeste brasileiro.

Dentre os aspectos abordados em *Calenciais* está o papel da mulher cigana na comunidade. É ela a responsável por levar a cultura adiante. Por volta dos 11 anos de idade, as meninas são obrigadas a vestir-se como ciganas. Além disso, algumas famílias decidem tirar as meninas ciganas da escola, para não haver mistura das garotas com outras crianças chamadas gadjes ou brasileiras (não-ciganas).

Durante a entrevista com algumas ciganas, cheguei a conclusão de que a retirada das meninas da escola se dá pelo receio de elas se atraírem por um menino que não seja da etnia, já que elas são destinadas a casar com um cigano. E é isso o que faz com que os costumes ciganos sejam preservados.

Com os meninos os pais são mais liberais. Alguns aprendem a dirigir cedo, aos 7 anos, e a emprestar dinheiro. Muitos são educados para serem comerciantes e prover a família, no entanto, eles podem estudar até a idade que quiserem.

É importante ressaltar que o trabalho não é jornalístico, portanto não atende aos critérios de noticiabilidade nem tem o interesse de denunciar algo. O objetivo do documentário não é problematizar a questão da mulher na cultura cigana e, sim, mostrar, tornar pública a cultura e a tradição cigana.

4. DESENVOLVIMENTO DO DOCUMENTÁRIO

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Foi uma verdadeira saga encontrar os personagens e conseguir fazer as gravações. Procurei os ciganos em praias, praças e Centro de Salvador, onde desembarcaram os primeiros do Brasil. Aliás, esse era um dos motivos pelos quais pensei em mostrar os ciganos que aqui vivem.

Durante uma pesquisa que durou cerca de um ano, descobri que apesar da presença de algumas ciganas quiromantes lendo mãos de turistas nas imediações do Mercado Modelo, no Comércio, região da cidade baixa e portuária de Salvador, não há registros de ciganos morando na capital baiana. Essa informação me foi constatada por Jucelio Dantas, representante, na Bahia, da etnia calon, cujo grupo é abordado no filme.

Antes de começar a minha procura incansável pelos ciganos, estagiei por dois anos na Ascom, Assessoria de Comunicação, do CCPI - Centro de Culturas Populares e Identitárias, da Secult - Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. Lá tive a oportunidade de conhecer o trabalho extraordinário do Centro com diversos grupos étnicos e culturas identitárias, entre elas a cigana.

Em 2018, entrei em contato com o meu antigo chefe, o jornalista Windson Santos, também formado pela Facom. Solicitei a Windson o contato dos representantes dos ciganos da Bahia, expliquei sobre o trabalho que eu pretendia fazer e ele me ajudou. Alguns números não funcionavam mais. O último telefone era também a minha réstia de esperança. O telefone tocou e quem atendeu foi o professor da Universidade de Feira de Santana, Jucelmo Dantas.

Para além de Jucelmo, que já não vivia em uma comunidade cigana (ele casou-se com uma gadjé, ou brasileira, como os ciganos chamam os não-ciganos), eu precisava conhecer ciganos que vivessem em comunidade. Tentei entrar em contato com líderes de diversas cidades entre elas, Jequié, no

sudoeste baiano, a 365 quilômetros de Salvador, sem sucesso. Após repensar a logística percebi que, apesar de querer, eu não podia ir para muito longe, devido ao meu estágio profissional na Rádio Band News FM, na capital baiana.

Decidi investir em Camaçari, na região metropolitana de Salvador, e cidade com o maior número de ciganos na Bahia. O nome do representante era Gilson. Essa era a única coisa que eu sabia até então.

Entrei em contato com os colegas jornalistas de Camaçari, amigos de lá e até com a Câmara de Vereadores da cidade industrial. Após conversa com o professor Jucelho durante uma das reuniões dos professores na Uneb, Universidade do Estado da Bahia, soube que ele era irmão de Gilson.

Pronto. O filme sairia. Bastava, agora, saber se Gilson e sua comunidade toparia gravar comigo.

Liguei pra Gilson e ele topou gravar. Mas a maior dificuldade estava por vir: começar a filmar. Além de diversos contratemplos acerca da greve dos professores das universidades estaduais da Bahia, outras dificuldades para conseguir ter um tempo na agenda de Gilson fizeram com que o início das filmagens fosse adiado para o mês de maio deste ano.

4.2 PRODUÇÃO

4.2.1 OS ATORES SOCIAIS

JUCELHO

O meu primeiro contato com os ciganos foi com o Professor Dr Jucelho Dantas, da UEFS, Universidade de Feira de Santana, por telefone, em outubro de 2018. Após diversos contratemplos por causa da agenda de ambos, eu no estágio e ele lecionando, finalmente nos encontramos. A primeira vez que encontrei o professor Jucelho, pessoalmente, foi em meados de abril, na Uneb, Universidade do Estado da Bahia. Fui até lá onde ele integrava uma mesa de

discussões entre os professores a respeito da continuidade da greve. O professor Jucelho é membro da Andifes, Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil. Todo o imaginário que havia sido construído na minha cabeça em três décadas, por meio de novelas, filmes e noticiários, caiu por terra no momento em que o professor falou comigo e me recebeu de braços abertos, agradecendo pelo meu interesse em abordar a cultura cigana.

No dia 24 de maio, quando comemora-se o Dia Nacional do Cigano, a Assembleia Legislativa da Bahia prestou uma homenagem aos ciganos da Bahia. Eu fui ao evento, onde reencontrei o professor Jucelho e todos os ciganos que já tinha tido contato no início do mês, em Camaçari, além da família de Jucelho. Eu precisava entrevistar Jucelho. Ele é quase uma enciclopédia no que diz respeito aos ciganos, além de ser o primeiro cigano da Bahia a conquistar um diploma de nível superior. Marcamos para o dia seguinte, na UFBA, Universidade Federal da Bahia.

Eu não tinha ninguém que pudesse me ajudar nessa empreitada, mas não podia marcar para outro dia, já que era tão difícil um encontro com Jucelho. Precisava de alguém que pelo menos segurasse o meu celular enquanto eu fizesse as perguntas ao professor. Meu namorado é o responsável pela maior parte das filmagens, mas no dia que Jucelho me atenderia, ele precisou viajar a trabalho. Mas, como diz um ditado “mais vale um amigo do que dinheiro no banco”. George Diniz é um colega que conheci durante o semestre 2017.2, quando eu era monitora da disciplina de rádio. No semestre posterior, nos deparamos na disciplina, que trouxe sentido ao meu projeto, Teorias e Práticas do Documentário. Até nisso, as aulas foram boas pra mim, ganhei um amigo. Estava aflita diante da possibilidade de perder aquela oportunidade de gravar com o professor Jucelho, então pedi a George que filmasse e ele topou.

Era uma manhã ensolarada de sábado e, apesar do outono, a capital baiana registrava uma temperatura máxima de 29 graus. Encontramos o

professor como combinado. Ele estava bastante ocupado, pois participaria de uma mesa de debates no local sobre a cultura cigana, mas mesmo assim me recebeu e gravamos a entrevista exibida no documentário. O professor Jucelho, atualmente, é também o representante dos ciganos na Bahia. Durante a conversa que tivemos na Uneb descobri que ele é irmão de Paulo Marques e Gilson Dantas, ex representante dos calons da Bahia e atualmente representante dos ciganos de Camaçari.

GILSON

A imagem de Gilson é importante para o desdobramento do filme, já que a voz dele é mostrada como off, a partir do segundo momento do curta, para a apresentação dos ciganos de Camaçari. Apesar de serem irmãos, há diversas diferenças entre eles, obviamente. Gilson é muito ocupado e está sempre correndo contra o tempo. Ele é pragmático e prefere ser direto, diferente de Jucelho, que passa uma imagem mais paciente. Durante as filmagens, Gilson me mostrou a comunidade em que ele vive juntamente com a família, em Camaçari. Tivemos apenas dois encontros: um na casa dele e o outro na Assembleia Legislativa, onde ele me entregou os DVS da festa de casamento da sua neta Thaina. Um trecho das imagens contidas no DVD é mostrada no filme no momento em que a cigana Ivanilda fala sobre a escolha do marido pela cigana.

SILVANA

Entre as personagens sociais em destaque está a nora de Paulo Marques, irmão de Gilson e Jucelho. Silvana Marques é a cigana que não acredita em quiromancia, ou leitura de mãos. Silvana, diferente de Ivanilda, tem traços conservadores e espera que a filha Milena, de 10 anos, siga e leve adiante a cultura cigana. Sil, como prefiro chamá-la, é uma mulher tímida, que, geralmente, não dá entrevistas ou fala com quem não é cigano. Por ser

reservada, prefere não abrir o livro da vida dela para qualquer um. Foi preciso estabelecer uma relação de segurança ao longo da minha primeira visita para que logo pudéssemos conversar.

IVANILDA

Diferente de Silvana, Ivanilda defende que as mulheres se casem quando elas quiserem, com quem tiverem vontade e estudem para ter uma profissão. No filme, a cigana do vestido amarelo representa a sinceridade e a força das mulheres ciganas, que levam de geração em geração, para as filhas e netas, a tradição da etnia. A sua neta só tem 5 anos, e adora vestir as roupas ciganas. Mas, segundo Ivanilda, se ela não quisesse vestir, ninguém teria o direito de obrigá-la.

MARAÍSA

A mãe de Ayala, uma das garotinhas que são mostradas no início do filme, é uma mulher atenciosa e disposta sempre a ajudar. Ela se prontificou em mostrar a filha bordando um vestido. Maraísa é uma mãe dedicada e sempre atenta às necessidades dos filhos.

AYALA

A doce Ayala tem apenas 10 anos, mas já foi tirada da escola. Ela agora está sendo preparada pela mãe e já veste os vestidos de cigana. A mãe, Maraísa, a ensina a bordar seus vestidos tecendo os sonhos de menina que só pensa em brincar e navegar na internet juntamente com o irmão Messi, e os primos. Percebi que Ayala tem uma relação muito boa com a prima Boniele, de 14 anos. As duas adoram passar horas juntas.

LAVÍNIA

A neta de Gilson Dantas é uma menina delicada e muito gentil. Quando me viu na comunidade, perdida, segurou as minhas mãos e me levou para a

casa dela, onde me apresentou aos pais que estavam deitados na rede assistindo TV. Lavínia foi a primeira menina a me mostrar os vestidos e adereços com muito orgulho. Com ela estavam Ayala e a pequena Raniele.

RANIELE

A pequena Raniele quando ouve um adulto dizer que as meninas vão se casar quando crescerem exclama: EU NÃO. Aos 7 anos ela tem uma coleção de vestidos, mas não gosta de usá-los. Ela diz que sente muito calor e, por isso, prefere vestir as roupas “normais” de algodão.

DAIANE

Daiane é uma perfeccionista mãe de três crianças ciganas e vive em uma tenda improvisada na comunidade cigana da Gleba H. Ela tem 28 anos e casou-se aos 15. A história de Daiane me comoveu, mas preferi não mostrar no documentário. Ela perdeu o irmão no ano passado em um acidente e no dia em que ela assiste aos vídeos do filme no meu celular o irmão dela completaria 36 anos. A vida de sofrimento de Daiane vai muito além disso. Ela sofreu um aborto espontâneo e violência obstétrica. Lembra sempre do filho e quando perguntada diz: tenho quatro filhos. Mesmo com todo o sofrimento, Daiane sempre procura uma forma de estar bem e deixar os filhos bem. Ela está sempre arrumada e de unhas feitas, e, apesar de estar sempre impecável, ela acha que nunca está bem o suficiente.

JALVA

A matriarca do grupo e irmã de Gilson, Jucelho e Paulo fala com orgulho das panelas areadas, tão areadas que dá pra gente ver o nosso reflexo estampado no alumínio. Jalva é aquela avó que a gente quer abraçar e passar horas na casa dela. Confesso que em todas as vezes que lá estive não quis mais sair. O cafezinho que Jalva prepara é incomparável. Os netos afirmam isso e, qualquer choro escutado pela avó, é motivo para os pequenos estenderem os braços em busca de colo.

4.2.2 GRAVAÇÕES

As filmagens foram feitas na Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e em três comunidades de Camaçari, entre os meses de maio e junho.

As gravações do acampamento no bairro Gleba H, próximo ao cemitério de Camaçari, ocorreram em dois momentos: dia 4 de maio e 2 de junho. Outra comunidade em que vivem uma família inteira de ciganos na mesma cidade recebeu as gravações em um dia, 4 de maio.

A entrevista do professor Jucelho ocorreu no dia 25 de maio, na Faculdade de Arquitetura, em Salvador, já que os docentes da UEFS estavam de greve e o local da entrevista remete à ocupação dele e à história que ele conta sobre como começou a estudar.

Outras gravações foram realizadas nos dias 10 e 2 de junho, na comunidade Calenciais. No segundo dia, levei o filme em sua primeira versão para as personagens assistirem e comentarem sobre o material.

Durante as gravações, optei em não usar tripé nem zoom para que as imagens fossem fiéis ao que eu estava vendo. As imagens foram filmadas, na maioria das vezes, na altura dos olhos dos entrevistados, mas, como a linguagem cinematográfica nos permite, também foram utilizados outros planos.

A abertura do filme mostra uma das rodovias que dá acesso à cidade de Camaçari. O espectador é situado por meio das placas que são mostradas ao longo da abertura. O material é feito com câmera, ou melhor, com o celular nas mãos, em homenagem ao filme *O homem com uma câmera*, do cineasta russo Dziga Vertov.

Entre os planos da cigana Ivanilda, um deles foi filmado em plano contra-plongée para dar um aspecto de grandiosidade à mulher cigana, como dito antes, a grande responsável por levar a tradição cigana adiante.

Ao final das gravações, o filme foi exibido para integrantes da Rua Calenciais, em Camaçari, na tarde do dia 2 de junho. Tudo é filmado e

mostrado ao final do filme. Essa é uma característica do cinema verdade. O trecho foi filmado em homenagem as obras *Crônicas de Um Verão*, de Jean Rouch e Edgar Morin, e *Cabra Marcado Para Morrer*, de Eduardo Coutinho.

4.2.3 FRAMES DE CALENCIAIS:



A abertura situa o espectador



As mulheres ciganas mantêm a tradição com diversos costumes, entre eles o uso do vestido



A imagem feita em contra-plongée para conferir superioridade, um traço da Cigana Ivanilda



Planos médios e fechados para mostrar aproximação com os personagens



Ciganos reunidos assistindo ao documentário que homenageia o nome da rua deles



Cinema participativo: sendo apresentada ao mundo das crianças ciganas

4.3 PÓS PRODUÇÃO

4.3.1 A EDIÇÃO

Tive apenas duas experiências com filmagens, a primeira durante a disciplina para a execução de um curta de 15 minutos, o qual fiz um documentário sobre a rádio comunitária de Cosme de Farias. A outra foi durante o CLIC, Curso Livre de Cinema. Durante o curso de extensão oferecido na Facom aprendi mais conceitos de cinema e tive o privilégio de dirigir o curta *Corre Mãos* juntamente com a colega Isadora Cruz, da Faculdade de Educação (Faced).

Além da rara experiência, não sabia editar filmes e precisei aprender a manipular o Adobe Premiere CC sozinha. Talvez não tenha aprendido direito, em tão pouco tempo. Tirei algumas dúvidas com o técnico Carlos Eduardo, o Cadu do Laboratório de Vídeo, durante a finalização da edição do filme.

Aliás, a parte mais complicada de executar foi referente à edição do filme. Editei o material no computador HP, na ilha 2, do LabAv - Laboratório de Vídeo da Facom. O trabalho de finalização foi tão dispendioso que fez com

que eu me atrasasse na entrega do trabalho final para os integrantes da banca examinadora.

A edição só pode ser feita em horário comercial, exatamente nos horários em que estou no estágio. Além disso, o laboratório não abre aos fins de semana. Foi preciso organização e um roteiro esquematizado para conseguir editar o filme.

Durante a montagem, o sentido do documentário foi modificado de diversas formas. Primeiro, a abertura era com Gilson Dantas, o representante dos ciganos de Camaçari, e em seguida, a entrevista com o seu irmão, o professor Jucelho Dantas, mas não queria apresentar uma obra verborrágica.

Apesar do ascendente Gemini, sou levada pelo Sol em pisces para as artes, especialmente a música. É ela quem dá o tom dos trabalhos audiovisuais que tenho feito até então, a exemplo do meu primeiro documentário *Copacabana, o sucesso está no ar*, documentário feito e apresentado durante o semestre 2018.1 da disciplina Teorias e Práticas do Documentário.

Ao longo da edição, com a chegada das trilhas ciganas feitas pelo amigo e musicista, João Ribeiro, decidi editar o filme conforme a música, literalmente. É possível perceber essa característica durante os momentos em que a montagem entra em sincronia com os trechos específicos dos acordes.

Esteticamente, o filme é mais interessante com as crianças ciganas na abertura nos levando a conhecer seus mundos, encantos e cores estampadas nos vestidos das primas Ayala, Lavínia, Boniele e Raiele, e o jeito energético e a pureza dos meninos Neymar, Messi, Riquelme e Zidane.

Esse é o tom da edição de *Calenciais*.

5. INVESTIMENTO

O projeto experimental em questão foi produzido com recursos próprios. Utilizei dois celulares (Iphone 7 e Samsung J8) e tive a ajuda do meu namorado, que foi comigo à cidade de Camaçari duas vezes e filmou boa parte do material. A imagem em que o professor doutor Jucelho Dantas conta a história dele durante a homenagem da Assembleia Legislativa da Bahia ao Dia do Cigano filmei com o celular Samsung.

A entrevista na biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, com o professor Dantas, foi registrada pelo colega George Diniz, monitor do Lab Av, com um dos meus celulares. À propósito, gostaria de agradecer aos amigos George e Cadu, pelo suporte dado a mim durante os momentos de desespero.

Abaixo uma lista com os gastos durante a realização e finalização de *Calenciais*:

ORÇAMENTO

- Transporte (gasolina e passagens) R\$ 150,00
- Gastos extras (alimentação, água, etc) R\$ 100,00
- HD Externo - R\$ 300,00
- DVD – RW (5) R\$ 24,50 (para os personagens)
- Pen drives (3) R\$ 20,00 (para a banca examinadora)
- Impressão do memorial R\$50,00
- TOTAL R\$684,50

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos 31 anos consegui realizar um sonho de infância. Conhecer a cultura cigana sempre esteve em meus planos, desde os três anos de idade quando, prontamente, respondia a palavra CIGANA, quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse.

Pensar, dirigir e executar um curta-metragem sobre o tema foi um desafio muito grande. Tive muito medo de não conseguir mostrar o encanto e beleza dos ciganos. Pior ainda, reforçar os estigmas e sofrimento que esse povo sofre até os dias de hoje.

Por ser interessada em cultura, tradições, em especial de etnias, sobretudo a cigana, o desafio torna-se ainda maior. Diversas vezes, fiz e refiz o trabalho por medo de parecer caricato, verborrágico ou problematizador, pois o objetivo de *Calenciais* não é apontar uma tese ou questão.

Precisei de muita coragem para realizar um trabalho audiovisual, com pouco tempo, sem experiência e apenas uma ideia na cabeça e o celular na mão. A decisão de fazer um documentário surgiu durante as aulas da disciplina Teorias e Práticas do Documentário, no ano passado.

A ideia inicial era fazer um programa de rádio sobre o tema, com entrevistas com um linguista, um antropólogo e ciganos da mesma comunidade.

No entanto, durante as aulas de documentário, após conhecer *Nanook of the north*, de Robert Flaherty e o cinema etnográfico de Jean Rouch (1917-2004), com os filmes *Eu, um Negro*, de 1958, e *Crônica de um Verão*, que ele dirigiu com o amigo Edgar Morin, as imagens desse que hoje é *Calenciais* passaram a povoar a minha mente por vários dias até aqui.

Em seu livro *Meu Último Suspiro*, Luis Buñuel (1900-1983) diz “não sou um homem da escrita. Após longas conversas, Jean-Claude Carrière, fiel a tudo que lhe contei, me ajudou a escrever este livro.” Li o trecho repetidamente,

incrédula, como assim, Buñuel não é homem da escrita? Ele escreve por meio de imagens! Não conseguia acreditar, mas a verdade é que me identifiquei com a frase. Não sou e nem nunca fui uma boa escritora.

Um cão andaluz, de 1928, nasceu a partir de dois sonhos, do diretor e do amigo Salvador Dalí. Buñuel contou ao amigo que sonhara com uma nuvem cortando a lua e uma lâmina de gilete rasgando um olho. Por sua vez, Dalí contou que sonhou com uma mão cheia de formigas.

Ao ler tal declaração no livro, passei a imaginar as cenas do filme e, acredite, caro leitor, a sonhar com as cenas filmadas, em especial dos *raccords* entre a água da chuva e as painéis de alumínio expostas na cozinha da cigana Jalva.

Muitas dificuldades surgiram ao longo das filmagens e edição. Fazer o trabalho sem recursos, em dupla, com o meu namorado, que até então só tinha experiência com fotografia, foi mais que desafiador, aprendemos e decidimos fazer outro filme depois desse, com mais tempo e recursos, acerca da mulher cigana, desde a sua infância.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUÑUEL, Luis. **Meu último suspiro**. Editora Cosac Naify, 1982.

DA-RIN, Sílvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5ed. Campinas: Papyrus Editora. 2012

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papyrus Editora, 2009

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário**. 2.ed. São Paulo: Editora Senac, 2013.

Coutinho, Cassi Ladi Reis. **Os ciganos nos registros policiais mineiros (1907-1920)**. Tese apresentada na Universidade de Brasília, em 2016.

Dados retirados dos sites:

Embaixada Cigana. <http://www.embaixadacigana.org.br/>

IBGE - Instituto de Geografia e Estatística. Pesquisa de Informações Básicas Municipais - MUNIC. Direitos Humanos: Mapeamento de Acampamento Cigano. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/perfilmunic/2009/munic2009.pdf>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2017.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
Disponível em<
<http://www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/GuiaCiganoFinal.pdf>>.
Acesso em: 14 fev. 2017.

8. REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

Cabra marcado pra morrer, Eduardo Coutinho (1984) - 1h59min

Crônicas de um Verão (Chronique d'un été), Jean Rouch e Edgar Morin (1961)
– 1h30min

Edifício Master, Eduardo Coutinho (2002)- 1h50min

Eu, um negro (Moi, un Noir), Jean Rouch (1958) - 1h10min

Nanook, o esquimó (Nanook, of the North), Robert Flaherty (1922) – 1h19min

Rio Cigano, Julia Zakia (2015) - 1h20min

Um homem com uma câmera (Chelovk s Kinoapparatom), Dziga Vertov (1929)
-1h20min